Artes Visuais

"19 Pintores" no diário de Guersoni

19/3/1947 — Fui à União Cultural Brasil-Estados Unidos saber sobre o Salão dos Jovens que esta entidade está organizando. Rosa Rosenthal Zuccolotto da "União", estava à minha procura, pois o meu nome também foi indicado para participar. Levei um choque. Esperava muito por isso, mas tinha minhas dúvidas. Afinal, sou ainda um novato na vida artística, tendo participado somente em dois salões do "Sindicato". Parece-me que Sérgio Milliet, Maria Eugênia Franco, Bonadei e Waldemar da Costa ajudaram a sra. Rosenthal na escolha dos nomes.

Este é trecho do diário de Odetto Guersoni, um dos 19 que participaram da mostra hoje "repetida" pelo Museu de Arte Moderna do Ibirapuera, 31 anos depois.

Guersoni acha que esta atual exposição no MAM é importante como registro histórico. "Para rever — disse — analisar e mostrar trabalhos produzidos pelo Grupo dos 19 em 1947 e a linha desenvolvida por cada um até o presente. Talvez um pouco de nostalgia, talvez a necessidade que temos de nos afirmar nas nossas raízes, nas raízes de nossa cultura, de nossa formação. Para mostrar às novas gerações queo início de uma carreira é sempre difícil e que somente o trabalho contínuo nos dá respostas às nossas indagações e às nossas dúvidas".

Prossegue o diário de Guersoni:

29/3/47 — Ainda estou emocionado com a indicação de meu nome. Achava muito difícil participar, pois não pertenço a grupos organizados e nem sou aluno de mestres como Bonadei, Waldemar da Costa e Gomide.

"Em minha opinião — fala Guersoni — esta exposição na época, em 1947, teve uma importância muito grande. Primeiro a revelação de um punhado de jovens de muito talento — como o tempo o demonstrou — e que na época tinha poucas possibilidades de expor. Segundo, representou uma forte emulação no ambiente artístico no final da década de 40, abrindo a série de importantes realizações desse período, tais como a formação de grupos, as primeiras galerias de arte moderna, a criação do Clubinho, do Museu de Arte Moderna e culminando com a criação do Salão Paulista de Arte Moderna e da Bienal de São Paulo em 1951".

7/4/47 — Bonadei e o poeta A. Augusto estiveram em meu atelier. Bonadei deu algumas opiniões sobre os trabalhos que devo enviar à exposição dos 19. Vou enviar uns 8 desenhos e de 6 a 7 pinturas. Ontem também Zanini esteve no atelier e andou vendo os trabalhos. Alguns quadros meus têm sua influência. É bom ou mau? Acho que é bom quando a influência é de um bom artista. E Zanini é um excelente artista.

"Prá mim — prossegue Guersoni — foi muito importante a exposição de 1947, pois pude apresentar 15 obras, considerando que eu estava me iniciando artisticamente. A importância de conhecer colegas extraordinários e de formar um grupo com afinidades profissionais que, mesmo sem ter uma filosofia de trabalho, manteve-se unido durante todo esse tempo".

12/4/47 — Hoje tive conhecimento da lista completa dos 19. É gente boa, principalmente Charoux, Maria Leontina, Grassmann, Sacciloto e Aldemir Martins. Da turma, quem conheço mais: Camerini, Eva Lieblich e Antônio Marx. Deve sair uma exposição heterogênea, mas bem interessante, justamente devido à individualidade artística de cada um.

"Na época — continua Guersoni — há 31 anos, as críticas, as discussões que se sucederam durante a mostra e mesmo posteriormente, deram-me maior visão e compreensão dos problemas de arte e da vivência do profissional artista".

17/4/47 — Ontem levei os trabalhos para a galeria Prestes Maia e hoje fui pendurá-los. Depois de muita confusão e mesmo discussões, fiquei colocado na parede que liga as duas portas, na sala grande da galeria Prestes Maia. Não é mau lugar e fiquei sozinho nesta parede, o que não sei se é bom ou ruim.

Guersoni prossegue nas lembranças: "Logo em seguida à exposição de 1947, entrei numa fase de inquietude, de indagações e procuras, o que antes não havia acontecido e tudo isso culminando com uma bolsa de estudos na França, que ganhei em fins daquele ano. E isso devo em parte à exposição dos "19 Pintores"

Foto de 1947, tirada por ocasião da coquetel em homenagem aos 19 pintores, aparecem os então jovens artistas expositores. Estão também na foto o cônsul norte-americano em São Paulo, Cecil Cross, João da Silva Monteiro, Cantídio de Moura Campos, Rone Amorim, Eduardo Kneese de Melo (presidente do Instituto dos Arquitetos), Flávio de Carvalho, Bruno Giorgi, Anita Malfatti, Mussia Pinto Alves, Carmem de Almeida, Waldemar da Costa, Lourival Gomes Machado, Osório César, Waldemar Cordeiro, Geraldo Ferraz, Lolita Rios e Patrícia Galvão.

Da inauguração à despedida

O diário de Odetto Guerssoni prossegue, no que diz respeito aos 19 pintores até 22 de maio. O artista anotou:

19/4/47 — Inauguração do Salão dos 19 Pintores. Assim ficou o título, diferente dos títulos iniciais que eram "Salão dos Jovens" e depois "Novos Pintores". A inauguração foi às 17 horas, com o salão repleto. Conheci gente famosa, como Lasar Segall, Lourival Gomes Machado, Mussia e Carlos Pinto Alves, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Flávio de Carvalho e outros. Apreensão e ansiedade por parte de todos os colegas. Curioso que formávamos rodinhas entre nós, meio assustados e acanhados. Os meus trabalhos perto dos outros são um tanto calmos, sóbrios mesmo. Escolhi obras mais acabadas, mais contidas, talvez com receio de me arriscar. Devia ter enviado trabalhos mais arrojados, estudos mais livres, não sei bem. A sensação é estranha e violenta. A gente sente-se analisado, espicaçado, como se estivesse nu. As 21 horas, com Bonadei, Camerini, Raul, Marx e outros fomos jantar, cansados e apreensivos. Estou meio assustado. Não esperava tanta gente na exposição e tanto interesse. Bonadei me disse que é assim mesmo quando se expõe pela primeira vez. Depois a gente se acostuma.

23/4/47 .. Coquetel oferecido a nós, expositores, à imprensa e críticos de arte pela União Cultural Brasil-Estados Unidos. A gente olha com medo para Geraldo Ferraz, Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado e outros críticos de arte. São os donos da verdade e podem criar ou destruir um artista. Podem mesmo? Ou será que a obra de um artista ultrapassa o julgamento do momento? A história das artes confirma isso. Havia muita gente no coquetel, entre as quais a conhecida Anita Malfatti.

25/4/47 — Críticas e discussões a respeito dos 19. Estão os críticos dando uma importância exagerada a esta exposição. Alguém a chamou de "revolução artística", o que não é verdade e nem pretendíamos isso. Queríamos apenas expor, mostrar como estavamos começando.

27/4/47 — Tem saído muitas críticas a respeito dos 19. Parece-me excesso de literatura, divagações, sem uma verdadeira procura das reais origens do objetivo desta exposição. Estou até mesmo angustiado. Será falta de experiência, de vivência de minha parte? Hoje apareceu um doido na exposição, um intelectual russo, que fez uma análise psíquica de um quadro meu que tem um longo vaso com uma flor ao lado. Ele viu nesse quadro somente sexo! Fiquei boquiaberto. Será? Tenho me preparado bem para enfrentar a vida artística, principalmente no que concerne a julgamentos e análises da obra de arte.

28/4/47 — Algumas fotos em jornais, mais críticas. Elogiosas, contundentes e irônicas. A garotada toda está meio tonta.

1/5/47 —GA exposição continua. Emoções sobre emoções. Jornais que noticiam, artistas que opinam, críticos que analisam, um verdadeiro desabordamento ao avesso de toda a nossa intimidade. Quanto às críticas, às vezes são construtivas e às vezes são infantilmente sarcásticas. Entretanto, de um modo geral, sente-se uma maior compreensão do verdadeiro sentido da exposição e analises mais profundas dos trabalhos expostos.

3/5/47 — Conferências, reuniões e grupos discutindo no recinto do salão. Nunca pensei ou pensavamos que esta exposição fosse ter a repercussão que teve. E pensar-se que esta exposição nasceu naturalmente, sem pretensão alguma. Primeiro, uma pequena exposição idealizada por Rosa Rosenthal na sede da própria União Brasil-Estados Unidos. Depois, com a agregação de outros artistas, de 8 para 14 artistas, pensou-se realizá-la na Biblioteca Municipal. Em seguida resolveram convidar mais artistas, chegando-se casualmente ao número 19. Com esse número, o espaço na Biblioteca tornou-se insuficiente. Então arrumou-se a Galeria Prestes Maia. Por ser esta muito grande, cada artista teve que expor de 12 a 15 trabalhos, o que deu o cunho de pequenas exposições individuais, aumentando assim a importância geral da mostra.

4/5/47 — A tarde houve eleição entre os artistas para se eleger a Comissão Julgadora da premiação a ser conferida aos participantes. O sr. Geremia Lunardelli ofereceu 15.000,00 cruzeiros a serem distribuídos como prêmios. A comissão eleita foi a seguinte: Lasar Segall, Anita Malfatti e Di Cavalcanti.

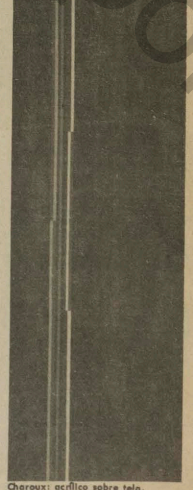
5/5/47 — Encerramento da exposição "19 Pinters" com um coquetel em nossa homenagem. O grupo teatral os "5 Comediantes" do Rio de Janeiro, ora em São Paulo, sob a direção de Miroel Silveira, representou a peça "A Rainha Morta" no próprio recinto da exposição. Depois foram divulgados os nomes dos artistas premiados, os quais foram Mário Gruber, Maria Leontina, Aldemir Martins, Flávio Tanaka e Cláudio Abramo. O grande candidato era Charoux, mas ele nem sequer ficou entre os cinco premiados. Completa surpresa para nós, apesar da turma premiada ser boa. Di Cavalcanti, de uma maneira um tanto confusa, tentou explicar o critério adotado na premiação. A galeria estava repleta e animada. Nós, um tanto comovidos e alegres com a homenagem.

6/5/47 — Mais noticias, mais críticas. Neste particular, creio que nunca uma exposição realizada em São Paulo tenha despertado tanto interesse. Houve dezenas e dezenas de artigos, vasto noticiário, conferências e debates no próprio recinto da exposição promovidos por Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, e Osório César. Quirino da Silva, que foi tão duro e implacável conosco, promoveu um inquérito entre artistas de renome sobre a exposição. Bonadei foi um dos que nos defendeu bastante. Retiramos os trabalhos e cada um de nós deixou dois trabalhos que irão ser expostos nos Estados Unidos.

10/5/47 — Reunião dos 19 para despedida e análise do que aconteceu. Muita discussão, havendo prós e contras. No consenso final todos concordaram que sob o ponto de vista cultural e artístico, a exposição foi altamente positiva. Movimentou a imprensa, a crítica, o público e principalmente nós, participantes, nos deu experiência, nos mostrou novos caminhos e nos deu perspectivas otimistas para o futuro.

20/5/47 — A turma dos 19 ofereceu uma pequena recepção ao grupo "5 Comediantes," para agradecer-lhes a atenção de terem colaborado na homenagem prestada a nós.

22/5/47 — Anotei os seguintes nomes de críticos que escreveram sobre a exposição "10 Pintores": Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Geraldo Ferraz (que também fez a apresentação no catálogo), Ibiapaba Martins, Luis Washington, Vernet, Osório César, Paulo César da Silva, Quirino da Silva e dezenas de noticiaristas e colunistas sociais.



Charoux: acrílico sobre tela.

Penápolis: 3.º Salão de Arte

● De 21 a 28 de outubro terá lugar em Penápolis o 3.º Salão de Artes Plásticas da Noroeste, organizado pelo empresário Celso Viana Egreja. Como nos Salões anteriores, se reunirá em Penápolis, artistas e críticos que na Fundação Educacional terão a oportunidade de dialogar com os estudantes. Na mesma ocasião será realizado o 1.º Encontro de Escultores. Qualquer contato com o 3.º Salão de Artes de Penápolis, telefonar para aquela cidade (52-2315 e 52-2340 — DDD 0186) e falar com o prof. Sérgio Pereira.

● Lotar Charoux que formou com os concetos de primeira hora, excelente desenhista e pintor geométrico/abstrato, está mostrando sua última produção na galeria Arte Global (al. Santos, 1893), em exposição que vai até o dia 31 de agosto. Charoux — já tivemos a oportunidade de adiantar — voltou à tela, onde pinta com tinta acrílica. Jacob Klintowitz apresenta o artista: "A obra mais recente de Charoux abandona, finalmente, todos os aspectos possivelmente decorativos de sua geometria".

● Com sua exposição permanente totalmente reformulada, reabriu suas portas ao público, o Museu da Casa Brasileira. Trata-se do primeio museu brasileiro que procura mostrar a evolução do equipamento domiciliar no Brasil, em uma exposição que ocupa nove salas, em que figuram, além de mais de duzentas peças, 8 (oito) painéis de textos explicativos e 28 (vinte e oito) painéis exibindo ampliações de desenhos e fotografias que documentam a evolução da civilização brasileira, particularmente no campo da habitação. O horário de visitação do Museu, à Avenida Brigadeiro Faria Lima, 774, é das 13 às 17 horas, das tercas-feiras aos domingos.

● A reunião de amanhã (às 20,30 hs, no IAB) do Núcleo de Artistas Plásticos Paulista será para analise do próprio Núcleo e suas reuniões anteriores, diante da nova situação da ABAPP — Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, do Rio de Janeiro.

Este balanço da situação visa à tomada de posição em face do próximo Encontro de Artistas em Belo Horizonte. A reunião de amanhã será de portas abertas e todos os artistas de São Paulo estão convidados.

● Amanhã, às 19 horas, a galeria/loja Aki (rua da Consolação, 3350) inaugura exposição de desenhos do paisagista Roberto Burle Marx, apresentado por Jacob Klintowitz.

● No dia 30, às 20 horas, no Museu Lasar Segall, será realizado, em complementação à exposição "Uma amizada e um atelier" (Flávio Mota e Rafael Galvez nos anos 40), um debate público sobre aquele período. São convidados para os debates: Aracy Amaral, Lisbeth Gonçalves, Flávio Mota e Rafael Galvez. Entrada e participação livre.

● Carlos Oswald, um dos grandes mestres da gravura brasileira, está com trabalhos (também desenhos) na Galeria Graphus (rua Cônego Eugênio Leite, 624). A mostra é importante e fica aberta até 2 de setembro.

● Galeria Arte Aplicada e Paço das Artes inauguram (no Paço, à av. Europa, 158), a Primeira Mostra do Móvel e do Objeto Inusitado. Foram premiados estes artistas: Carlos A.M. Lacaz, Décio L. Beck, Doraci Girrulat, Fábio Alvim, Fernando de A. Ribeiro Filho, Luis C. Chiari, Luis C. Gomes/Nelson Z. Aristakesstian, Marili L. F. Brandão, Tai Hsuan An e Ubirajara M. L. Ribeiro.

VOX POPULI

DOMINGO, 21 HORAS.

UM PROGRAMA FEITO PELO POVO. ENTREVISTA:

HENFIL

O criador de Zeferino, Graúna, Bode Orelana e dos Fradinhos é o convidado desta semana de Vox Populi. Um dos mais sarcásticos desenhistas brasileiros, Henrique de Souza Filho-Henfil-conta a história da criação de suas personagens num programa em que a realidade brasileira é apresentada com o crivo crítico do humor.

OUTROS DESTAQUES DESTA SEMANA NO CANAL 2:

Domingo	- 20:00 h	- Ponto de Encontro: Evaldo Gouveia e Barbara Mell.
2ª a 6ª-feira	- 20:00 h	- Hora da Notícia: Telejornal do Canal 2.
—	- 20:30 h	- Panorama.
2ª-feira	- 21:30 h	- Esporte Visão.
2ª, 3ª e 5ª-feira	- 23:00 h	- Cinema: "Eco do Pecado", com Beverly Michaels e Allan Nixon.
3ª-feira	- 21:00 h	- Jazz no Metrô.
—	- 22:00 h	- Teatro Aberto.
4ª-feira	- 21:00 h	- Especial sobre Folclore.
—	- 22:00 h	- Quem se Comunica.
5ª-feira	- 21:00 h	- Relatório Dois.
—	- 22:00 h	- Música & Músicas: Zimbo Trio.
6ª-feira	- 23:00 h	- Teatro Dois: "Pária e a mais Forte", de August Strindberg.
—	- 21:30 h	- TV Dois Pop Show.
Sábado	- 15:45 h	- Ação Super-8.

TV CULTURA

O Romantismo em Portugal

MÁRIO BARATA

Fazemos aqui, pela importância de que a obra se reveste, uma primeira resenha do livro de José-Augusto França, Romantismo em Portugal/Estudo de factos Sócio-Culturais — tese de doutoramento de Estado em Letras e Ciências Humanas, na Sorbonne (1969) — só publicada em português a partir de fevereiro de 1974, em seis volumes de pequeno formato 1/8, pelos Livros Horizonte de Lisboa, em tradução de Francisco Bronze, revista pelo autor. O original saiu na coleção "Le Signe de l'Arte", das Editions Klincksiek de Paris, num só volume de 850 páginas.

Neste momento em que a arte do século 19 começa a ser melhor estudada, utilizando metodologia mais adequada, convém enfatizar o interesse e importância dessa obra, inclusive pelas relações que eram então muitas entre Portugal e o Brasil.

Trata-se de um grande livro, que insere o autor no grupo dos mais ilustres portugueses de nossa época, dando uma contribuição excepcional para a compreensão da cultura romântica e sua transição para o naturalismo, incluindo as artes visuais, no período em que se implantou o capitalismo liberal em Portugal.

Os conhecimentos de História Social de Política do seu país, formaram ao autor, discípulo de P. Francastel e leitor de L. Goldman, o pano de fundo do Romantismo, possibilitando muitas indicações, que valorizam o libro.

No primeiro volume examina, de modo impar, as contradições do romantismo de Almeida Garrett, tratando porém pouco das artes plásticas. No segundo, após brilhante análise da contribuição de Alexandre Herculano, estuda a "fisiologia" da capital lusa. O termo oitocentista coube bem e foi utilizado pelo autor em outro trabalho, "A fisiologia" do capitalista no teatro do primeiro período do "Fontismo", publicado em Colóquio/Letras, n. 30, março de 1976. Quase no final, estuda os pintores da hora romântica. Estes não se apresentam, porém numa situação de muitas correlações com o Brasil.

No quinto volume retorna ao exame das "vias da cultura artística" e aborda o início da "arquitetura do ferro". E no sexto volume que trata da vida e da cultura artísticas na fase final do século, até 1880, e faz o "balanço dos anos de sobrevivência", após esse limite.

As idéias gerais e a metodologia são o forte do livro, no que tange ao interesse direto do historiador de arte brasileira. Mas podemos destacar uma ou outra das indicações de pormenor dadas pelo autor, a fim de que possam, eventualmente, ser comentadas ou receber aqui, algumas achegas. França refere que Pedro 1.º foi retratado por Ary Scheffer (1795-1858). Interessa-se sobremaneira pelo quadro de D. A. Sequeira figurando Camões idoso, obra que esteve no Brasil, segundo várias indicações. Neste particular conhecemos todos a confirmação obtida através de texto de 1890 do príncipe D. Pedro Augusto de Saxe-Coburgo Gotha, neto d imperador Pedro 2.º, com lista, "descrevendo o conteúdo artístico dos Palácios de São Cristóvão e da cidade", relação completada pelo Conde d'Eu. Foi divulgado por Hélio Viana em "As Belas-Artes nos Paços Imperiais", in Cultura (Orgão — Boletim — do Conselho Federal de Cultura, n.º 8, MEC, Rio, fevereiro de 1968, pp. 26 — 54). Ali vem mencionada, com o número 88, "Camões cego e o seu negro, muito boa tela", assinalada pelo genro do imperador, para que a familia a conservasse. Estava na quarta sala do "Museu do Imperador". Anotou Hélio Viana: "parece ser A morte de Camões, de Domingos Antônio Sequeira, pintada em Paris (1823?) e oferecida a Pedro 1.º, que o nomeou Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro". B. X. Coutinho, em Camões e as Artes Plásticas (Porto, 1946, pp. 271, 274, 275), afirma ter vindo o quadro para o Palácio de São Cristóvão.

José Augusto França cita, de passagem, a atuação de Varnhagen em Portugal, no plano do romantismo, assunto que há mais de ano é objeto de estudos do nosso ilustre colega prof. Paulo F. Santos, no tocante ao trabalho que o historiador escreveu sobre o Mosteiro dos Jerônimos e a respeito da invenção do termo Manuelino.

J. A. Soares de Souza também tem estudado, no Brasil, o teatro francês da década de 1840, ligando-o à atividade do capitalismo. Existe analogia entre Portugal e Brasil, a depreender-se das pesquisas e conclusões de José-Augusto França, em comparação com as de Soares de Souza.

Ainda o primeiro autor refere a singularidade de estrangeiros haverem resumido melhor a História de Portugal (Vol. 6, p. 1264, nota 5), o que se poderia estender, em parte, à História da Arte. Neste último domínio o fato teria se repetido no Brasil, já no século 20.

Relembremos finalmente uma das observações básicas de França, nesta obra: a de que os termos "... tem um sentido que a cultura historicamente situada (e outra não há) altera semanticamente, no tempo de suas funções sociais."

Muitos outros pontos do livro merecem ponderada leitura, servindo esta resenha como uma abordagem inicial de trabalho, indicativa do respeito que ele nos deve merecer.

Este texto do crítico Mário Barata, apresentado no II Colóquio Nacional de História da Arte do Comitê Nacional do CIHA, é uma resenha preliminar de "O Romantismo em Portugal/Estudo de Fatos Sócio-Culturais", extenso importante trabalho de autoria de José Augusto França, obra de grande interesse para os historiadores brasileiros.

EDITOR: FERNANDO C. LEMOS

FOLHA DE S.PAULO 27.8.78

27-8-78